

# Autorreconhecimento enquanto Objeto de Estudo no Processo de Pesquisa Consciencial: Algumas Ponderações

Self-recognition as a Study Object in the Process of Consciential Research: Some Considerations

Autorreconocimiento cual Objeto de Estudio en el Proceso de Investigación Consciencial: Algunas Ponderaciones

Jair Rangel\*

\* Professor Universitário, Doutor em Comunicação e Cultura. Voluntário da *União das Instituições Conscienciocêntricas Internacionais* (UNICIN).

[jair.rangel@hotmail.com](mailto:jair.rangel@hotmail.com)

## Palavras-chave

Autopesquisa  
Metodologia  
Paradigma consciencial

## Keywords

Consciential paradigm  
Methodology  
Self-research

## Palabras-clave

Autoinvestigación  
Metodología  
Paradigma consciencial

## Resumo:

O artigo objetiva contribuir para a compreensão epistemológica da Conscienciologia a partir do estudo da consciência por inteiro, considerando, também, a abordagem epistemológica da ciência convencional. O autor discorre sobre a relevância das modalidades analíticas a respeito do objeto de estudo científico, propostas por Francis Bacon (1561-1626), David Hume (1711-1776), Immanuel Kant (1724-1804) e Karl Popper (1902-1994) na condição de auxiliares da autopesquisa. A metodologia utilizada é qualitativa e de cunho exploratório. As referências de análise são o *Paradigma Consciencial* e o *Princípio da Descrença*, cujas premissas, em parte, não podem ser comprovadas através de procedimentos metodológicos convencionais. Sugere-se, aqui, a inclusão de abordagens adicionais que fortaleçam a autopesquisa, tais como o estudo das atitudes, das motivações e do mainstreaming sócio-cultural.

## Abstract:

The article aims to contribute to the epistemological comprehension of conscientiology from the study of the consciousness as a whole, considering, also, the epistemological approach of conventional science. The author expatiates on the relevance of analytical modalities on the object of scientific study proposed by Francis Bacon (1561-1626), David Hume (1711-1776), Immanuel Kant (1724-1804) and Karl Popper (1902-1994) as self-research assistants. The methodology used is qualitative and exploratory in nature. The points of reference for the analysis are the consciential paradigm and the principle of disbelief, whose premises, in part, cannot be proven by conventional methodological procedures. This work suggests the inclusion of additional approaches that strengthen self-research, such as the study of attitudes, motivations and sociocultural mainstreaming.

## Resumen:

El artículo objetiva contribuir para la comprensión epistemológica de la Conscienciología a partir del estudio de la conciencia entera, considerando también, el abordaje epistemológico de la ciencia convencional. El autor discurre sobre la relevancia de las modalidades analíticas respecto del objeto de estudio científico propuesto por Francis Bacon (1561-1626), David Hume (1711-1776), Immanuel Kant (1724-1804) e Karl Popper (1902-1994) en la condición de auxiliares de la autoinvestigación. La Metodología utilizada es cualitativa y de cunho exploratorio. Las referencias de análisis son del Paradigma Consciencial y del Principio de la Descreencia, cuyas premisas, en parte, no pueden ser comprobadas a través de procedimientos metodológicos convencionales. Se sugiere aquí, la inclusión de abordajes adicionales que fortalezcan la autoinvestigación, tales como el estudio de actitudes, de motivaciones y del mainstreaming sociocultural.

Artigo recebido em: 15.01.2018.

Aprovado para publicação em: 20.05.2018.

## INTRODUÇÃO

O autorreconhecimento é uma das mais importantes ferramentas de pesquisa da Conscienciologia. Faz parte do processo de autopesquisa evolutiva e parapsíquica. Neste artigo busca-se discutir, em forma de análise, as similaridades e diferenças das abordagens conscienciológicas e alguns pressupostos epistemológicos da chamada ciência convencional. Tal diferenciação fica evidente no caráter especial de algumas derivações do objeto de estudo conscienciológico por excelência, a saber, a consciência por inteiro.

As derivações dizem respeito às dificuldades notórias que a ciência convencional enfrenta no reconhecimento de objetos de investigação de ordem paranormal, parapsíquica, parafenomenológica que permeiam a autopesquisa consciencial.

Na qualidade de neociência, a Conscienciologia tem por desafio a construção de um *corpus* metodológico e científico que possa ser compreendido em possíveis debates e discussões sobre sua importante função no âmbito da realidade social e cultural. Sendo uma novidade do ponto de vista epistemológico surgem questões importantes relacionadas ao seu objeto de estudo - mormente a excentricidade derivada deste objeto de investigação - e, é claro, a abrangência das suas bases teóricas. Ignorar a extensão deste desafio é uma imprudência.

O artigo está organizado em 3 seções: A primeira seção discute sobre os desafios metodológicos na adoção do paradigma consciencial; a segunda seção aborda sobre transformações no modo de fazer ciência ao longo do tempo e na terceira discorre sobre o autorreconhecimento no estudo da Conscienciologia, trazendo elementos para reflexões e ponderações.

### I. DESAFIOS METODOLÓGICOS

Todo ramo do conhecimento possui seu acervo próprio de investigações partindo sempre de alguma dúvida, uma pergunta, algo que precisa ser solucionado. São estes processos os grandes responsáveis pelo avanço da ciência e do pensamento mais organizado, ou seja, o pensamento científico.

A elaboração de perguntas dentro do método científico faz parte de um roteiro, de um *script* construído com dificuldade ao longo dos últimos séculos de evolução da ciência. Além de nortear as discussões e o modo de lidar com os fenômenos do mundo, impingiram aos pesquisadores a revisão, passo a passo, do próprio conhecimento estabelecido. Isso, por si só, já é uma grande revolução.

Por consequência testemunha-se, ao longo da história, o assentamento de novas questões envolvendo o reposicionamento metodológico das áreas de conhecimento. Para exemplificar, a filosofia e a teologia deram as cartas neste quesito, pelo menos no mundo ocidental, durante séculos. Praticamente todos os assuntos, todas as dúvidas e problemas tinham seu arrazoado principal com base nestas duas grandes áreas.

Só mais tarde surgem novas ciências, novas especialidades ao modo da Biologia, Química e Astronomia, dentre outras. E com as neoespecialidades, novos objetos de estudo ganharam importância no processo de pesquisa científica.

Ao que tudo indica, o avanço no entendimento de como os objetos de estudo de um campo do conhecimento se articulam com a pesquisa em si é igualmente significativo para a Conscienciologia. Enquanto ciência nascente, a Conscienciologia tem na *consciência* o seu objeto de estudo prioritário. Todo o seu acervo, especialidades e técnicas confirmam esse fundamento. O indivíduo na sua integralidade é o objeto de nossos estudos e inquietações. O foco metodológico é a autopesquisa, o autorreconhecimento.

Outras questões relevantes constituem pauta para o processo de pesquisa. Em sua complexidade, a consciência, para ser entendida, requer a preciosa ajuda de alguns campos do conhecimento humano, por exemplo, da Psicologia, Fisiologia, História, Sociologia, Filosofia.

Na qualidade de proposta científica, a Conscienciologia enfrenta vez por outra, as condições variáveis que afetam os campos de conhecimento de forma diferenciada. Algumas crises epistemológicas - a maioria mal compreendida pelos próprios cientistas - colocam em xeque o papel da ciência, do método científico, do conhecimento e, é claro, dos objetos de estudo.

Tais dificuldades têm sua gênese em condições que são próprias do fazer científico. Algumas perguntas ficam sem resposta; com o tempo teorias respeitáveis são tidas na condição de ineficazes para explicar determinados fenômenos; novas tecnologias da informação reconfiguram as interações simbólicas com seus usuários e promovem revisões profundas em princípios teóricos historicamente celebrados por uma elite pensante; especialistas em comportamento social se deparam com inconsistências teóricas diante de alguns aspectos imprevisíveis da conduta humana contemporânea. Mesmo nas ciências exatas e naturais algumas relações fundamentais parecem colocar à prova as velhas e seguras explicações de sempre. O projeto Genoma, ao mapear o DNA humano, confirmou a hipótese da matriz africana na condição de base genotípica de todas as pessoas do planeta.

Faz-se necessária, portanto, uma discussão sobre alguns aspectos auxiliares a respeito do objeto de estudo da Conscienciologia, a saber, a consciência, o *self*, dentro de uma perspectiva integral, ampla, tendo em conta o movimento constante da ciência.

## II. AS MOVIMENTAÇÕES DE ONTEM E DE HOJE

O modo de pensar e intervir cientificamente passou, ao longo de gerações, por transformações. A tratativa desses movimentos neste artigo objetiva contribuir para a compreensão epistemológica da Conscienciologia a partir do estudo da consciência.

Um dos responsáveis por estas transformações foi o escocês Francis Bacon (1561-1626), autor de *Novum Organum*. Nesta obra magistral, Bacon defende o *método indutivo* dentro de sua perspectiva fortemente empírica com o objetivo de contrapor-se ao que chamou de “antecipações da mente”. Estas, em sua opinião, são responsáveis pela precariedade do fazer científico e pela imposição de “falsidades criadas pela imposição da dedução” que dizem mais respeito aos indivíduos do que ao próprio mundo.

Bacon é contrário à dedução enquanto método de raciocínio lógico que pressupõe existirem proposições universais, pré-determinadas, que servem de premissas básicas para se chegar à verdade nos casos específicos e particulares. Assim sendo o método dedutivo remete, necessariamente, a uma conclusão. A técnica da dedução, segundo Bacon, resulta no silogismo:

O silogismo consiste de proposições; proposições de palavras; palavras são signos de noções. Se, por um lado, as noções (que formam a base do todo) são confusas e descuidadamente abstrações das coisas, não há solidez na superestrutura. Nossa única esperança, então, reside na genuína indução. (Bacon, 2000, p. 35).

Para Bacon *o sujeito é um problema, um entrave na investigação científica*. A filosofia teria se afastado do propósito pragmático da ciência ao permitir a idiosincrasia polissêmica do dedutivismo. Mesmo hoje pesquisadores costumam defender um papel quase inerte diante da pesquisa e dos fenômenos. Tal pensamento tem suas limitações - conforme veremos mais adiante neste artigo.

O enfoque indutivo de Bacon, o qual pede que iniciemos com situações observáveis para depois raciocinar com afirmações e leis, contraria o enfoque escolástico, pois exige a verificação de situações específicas antes que um julgamento seja feito (Ozmon; Craver, 2004, p. 67).

Outra importante contribuição também vem da Escócia com David Hume (1711-1776). Hume afirma que *a experiência é guia de todo conhecimento*. Este constructo representa a ênfase no subjetivismo. Sua primeira obra foi um dos livros mais importantes da história da filosofia, denominado “Tratado da Natureza Humana” (1739-40). Hume publica em 1748 a obra intitulada “An Enquiry Concerning Human Understanding and Others Writings”, onde revisa algumas de suas proposições iniciais e destaca a importância de sua abordagem empiricista:

Atrevo-me a afirmar, como uma proposição geral, que não admite exceção, que o conhecimento dessa relação não é, em nenhum caso, alcançado por um raciocínio *a priori*, mas surge inteiramente da experiência, quando nós descobrimos que alguns objetos particulares estão em constante relação um com o outro. (Hume, 2007, p. 30).

Para Hume a assistência da observação e da experiência é absolutamente necessária para se entender relações de causa e efeito:

*In a word, then, every effect is a distinct event from its cause. It could not, therefore, be discovered in the cause, and the first invention or conception of it, a priori, must be entirely arbitrary. And even after it is suggested, the conjunction of it with the cause must appear equally arbitrary; since there are always many other effects, which, to reason, must seem fully as consistent and natural. In vain, therefore, should we pretend to determine any single event, or infer any cause or effect, without the assistance of observation and experience* (Hume, 2007, p. 32).

Russell afirma que “se o raciocínio de Hume fosse correto a humanidade não seria mais capaz de construir leis científicas universais a partir de observações particulares. O cientista não teria como discernir entre uma boa teoria científica e uma mera obsessão”. (2017, p. 343).

Um terceiro e importante movimento é liderado por Immanuel Kant (1724-1804) quando afirma que conquanto todo nosso conhecimento comece com a experiência nem por isso deriva, todo ele, da experiência uma vez que “a experiência não é possível senão por meio de uma representação da ligação necessária das percepções” (Kant, 2001, p. 234).

Para Kant sem a *sensibilidade* nenhum objeto nos seria dado e entendimento nenhum seria pensado. “Pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegas”. Demonstra, para tanto, que existe uma interação entre o sujeito e o objeto. O objeto, por si só, não nos permite entender e acessar a realidade, a verdade e o conhecimento. O indivíduo interage com o objeto e o modifica, ou seja, ao intervir junto aos fenômenos, promove, por apropriação, a reinterpretação dos mesmos.

Kant discrimina o conhecimento sensível do sujeito através de categorias que são informações e dados de nosso conhecimento com os quais trabalhamos independentemente da experiência (quantidade, qualidade, relação, modalidade). Tais capacidades de leitura precedem o objeto. Excluí-las seria uma forma de arbitrariedade.

Um quarto movimento em destaque aqui é o iniciado por Karl Popper (1902-1994) para o qual *qualquer generalização tomada a partir de uma observação seria sempre irracional*. Em sua linha de raciocínio não são os sentidos que fornecem a possibilidade de interação com a realidade e, sim, principalmente, a razão.

Popper defende que “[...] a tentativa de alicerçar o princípio da indução na experiência malogra, pois conduz a uma regressão infinita” (1974, p. 34).

A pesquisa não parte de observações e, sim, de *problemas* que o cientista procura resolver. O conhecimento se inicia de uma teoria e essa é construída dedutivamente. O verificacionismo pressupõe a indução por eliminação. Uma teoria é sempre falível, pois pode ser refutada.

Esse raciocínio teve grande impacto em gerações de pesquisadores. As teorias não são abordagens definitivas, pois carregam em si o dispositivo da efemeridade. Se os fatos mudam, as explicações tendem a mudar também. Daí qualquer teoria, explicação ou mesmo conclusão científica serem parciais, transitórias.

Popper criou o termo *racionalismo crítico* para descrever sua abordagem. Tal terminologia aplicada ao método científico indica sua rejeição ao modelo observacionista-indutivista. Popper defendeu de modo incisivo o fato de que as teorias são abstratas por natureza e que podem ser testadas apenas de modo indireto.

Como o conhecimento humano em geral as teorias são irreduzivelmente conjecturas geradas pela imaginação do cientista. Este busca soluções criativas para problemas que surgem em um dado contexto, cultura e histórico.

Todos esses movimentos históricos construíram, de algum modo, as bases paradigmáticas que sustentam as relações e os tratamentos aplicados ao objeto de pesquisa das diversas áreas do conhecimento atualmente disponíveis (ano-base: 2018).

### III. O AUTORRECONHECIMENTO NO ESTUDO DA CONSCIENCIOLOGIA

Até aqui discutiu-se alguns dos principais modelos epistemológicos utilizados nas escolhas metodológicas em um processo de pesquisa. Da dedução à indução, chegando ao modelo hipotético-dedutivo de Popper, tais bases conceituais orientam o pensamento do pesquisador e não são, necessariamente, etapas estanques e divisões obrigatórias na pesquisa científica.

A crítica contemporânea à objetividade faz sentido. De um jeito ou de outro ninguém é isento. As predefinições, as idiosincrasias do sujeito tornam a abordagem objetiva mais difícil. No entanto, os que buscam ser “objetivos” no processo de pesquisa o fazem, na maioria das vezes, por disciplina. A imparcialidade não é um fato determinado ou uma técnica facilmente aplicável; trata-se de um ideal. Os críticos da objetividade costumam reduzir o método a uma cognição presumida. Boaventura Santos chama isso de ciência pós-moderna posto que o antigo paradigma científico encontra-se em crise (2008, p. 50).

A autopesquisa, processo paradigmático da Conscienciologia, é o reconhecimento do indivíduo em sua integralidade como parte fundamental do processo de pesquisa. Isto faz do pesquisador conscienciológico um especialista no uso de um método pouco usual em ciência. O foco é a consciência e suas manifestações ilimitadas:

Pesquisador conscienciológico é o homem ou a mulher atuando sem limites quanto à liberdade cosmoética de investigação e de informação *urbi et orbi* dos achados das pesquisas no universo da Conscienciologia, mesmo as mais avançadas ou de ponta quanto à multidimensionalidade e ao parapsiquismo. (Vieira, 2013, p. 6.823).

Do mesmo modo a especialidade dedicada ao entendimento do processo de autorreconhecimento é a Autopesquisologia, “ciência aplicada aos estudos ou pesquisas da própria consciência, por si mesma, empregando todos os instrumentos pesquisísticos disponíveis, ao mesmo tempo, no microuniverso consciencial e no Cosmos” (Vieira, 2013, p. 1.533).

Considerando que o principal objetivo de pesquisa da Conscienciologia é o estudo da consciência em sua integralidade o sujeito não se constitui, necessariamente, um problema ou impedimento ao avanço do novo campo de conhecimento *desde que se identifiquem as categorias e condições que constituem o ambiente, o mainstreaming* onde esse mesmo sujeito está inserido. O pesquisador faz parte precípua de todo o processo; a ele cabe a iniciativa da pesquisa. De acordo com esta premissa a autopesquisa pode ser admitida como ferramenta de investigação da parafenomenologia, do autorreconhecimento. Na busca do entendimento dos parafenômenos o pesquisador passa a entender a si mesmo.

Entretanto, isto nos remete à dificuldade inicial relacionada à delimitação e reconhecimento do objeto de estudo em pesquisa. Há, por consequência, um embate entre objetividade, subjetividade e intersubjetividade que se interpõe no processo de pesquisa, a saber, como devemos considerar o que é da ordem do *objeto*, o que é da ordem do *sujeito* e o que é da ordem da *representação social*.

Para ilustrar, considera-se a situação hipotética que envolve o processo de autopesquisa conscienciológica no estudo das abordagens extrafísicas visando o desassédio interconsciencial a partir da definição do verbetógrafo:

*A paraabordagem desassediadora é o contato ou enfoque cosmoético de alguém – consciex ou conscin projetada, com paravisual de homem ou mulher – com outra consciência através de ações interassistenciais nas dimensões extrafísicas visando obter, por meio da depuração interconsciencial, reconciliações, encaminhamentos e neocondutas em demandas oriundas de invasão ou intrusão patopensênicas. (Rangel, 2018).*

Através das parapercepções, o pesquisador vivencia o assédio extrafísico em condição de descoincidência vigil. Ao fazê-lo realiza psicometria e a leitura energética com o objetivo de identificar intenções e a qualificação energética da consciex intrusora, bem como as possíveis atividades de amparadores de função.

Neste caso hipotético, eis, 8 perguntas sequenciais que devem ser respondidas pelo pesquisador conscienciológico:

1. Em meu estado alterado de consciência experimentei algo real ou uma alucinação?
2. Que possíveis influências recebi de minha comunidade interpretativa que auxiliam ou modificam minha capacidade crítica de análise do parafenômeno?
3. Houve um acoplamento energético visando o desassédio?
4. As paraabordagens foram exitosas?
5. Houve cooperação e orientação técnica da equipex amparadora?
6. Qual era o padrão de energias que circularam durante o evento extrafísico?
7. Houve encaminhamento da consciex perturbada?
8. Qual é o nível de *rapport* entre conscin e consciexes?

De todas as questões colocadas anteriormente apenas as duas primeiras são passíveis de intervenção metodológica se considerarmos o atual estado epistemológico da ciência. As outras questões não podem ser respondidas pela ciência porque *os objetos de estudo são inacessíveis à metodologia de pesquisa convencional*. Se estímulos são tudo aquilo que podemos perceber pelos sentidos, conforme estabelece a ciência cognitiva e comportamental, as parapercepções ficam de fora da análise metodológica.

Por outro lado a pesquisa consciencial admite a ocorrência de parafenômenos em um contexto multidimensional. Esta situação, contudo, não exige o pesquisador de incluir, em sua abordagem metodológica, a presunção de que há ocorrências que dizem respeito a ele mesmo como parte fundamental do processo de

pesquisa – no exemplo aqui sugerido a abordagem extrafísica desassediadora. Faz-se necessário compreender a concorrência de *categorias de análise* ou *processos dedutivos inerentes ao pesquisador*.

Portanto, para que o autorreconhecimento seja possível no âmbito de pesquisa conscienciológica é necessária a discussão de aspectos que concorrem para ampliar a compreensão daquilo que é da ordem do objeto, ou seja, a fatologia e a parafatologia, e o que é da ordem do sujeito da autopesquisa, a saber, o contexto psicológico, social, cultural, ambiental em que o pesquisador atua.

O *Princípio da Descrença*<sup>1</sup> nos convida a abandonar o processo mágico da crença *a priori* na explicação dos fenômenos, parafenômenos e até mesmo da epistemologia defendida em qualquer instância da Conscienciológica. Remete à auto-experimentação e à busca de autoconhecimento visando à consecução otimizada do processo evolutivo pessoal e grupal.

A autoexperimentação, contudo, não implica no abandono da dedução, da elaboração teórica. Neste caso, o pesquisador conscienciológico se permite inferir a respeito de fenômenos e parafenômenos, mas, também, criar as conexões teóricas necessárias para sustentar suas conclusões. É no âmbito do indivíduo que se dá a reconstrução dos fatos, mesmo que se auxilie no esforço coletivo, grupal de estudos destes mesmos fenômenos e parafenômenos.

De igual modo, o autorreconhecimento pela pesquisa pressupõe que o pesquisador deve considerar alguns aspectos relevantes no processo de intervenção na realidade, a saber, a prospecção das atitudes; o estudo das motivações; a compreensão do *mainstreaming* contextual; a identificação do viés confirmatório e a aplicação do *Princípio da Descrença* e do *Paradigma Consciencial*.

Uma das condições intervenientes que podem auxiliar na ampliação do autoconhecimento é a *prospecção das nossas atitudes e das motivações próprias, pessoais*. As atitudes são predisposições internas de um indivíduo a respeito de um objeto qualquer a partir de componentes afetivos, cognitivos e comportamentais (Eagly & Chaiken, 1998, p. 270). O que sabemos, sentimos e fazemos a respeito de um objeto no mundo orienta nossa conduta e nossas ações. Nossos pensares, por exemplo, demonstram essa equação atitudinal. Junto com nossa energia seguem nossos pensamentos e nossa sensibilidade. São elementos intercambiáveis e indissociáveis.

Ao estudar a interação consciencial com fenômenos e parafenômenos recomenda-se utilizar ferramentas de autocompreensão como o Conscienciograma (Vieira, 1996) aliadas a mapeamentos de atitudes e condições internas. Tais métodos estão disponíveis na literatura conscienciológica e podemos contar, em Psicologia, com uma longa lista de opções que vão de escalas de ansiedade, agressividade, frustração a escalas de empatia social, discriminação de subgrupos dentre outras.

Propõe-se, aqui, ao pesquisador conscienciológico, responder às seguintes questões iniciais: quais são minhas inclinações atitudinais? De que maneira me relaciono comigo mesmo e com outras pessoas? Quais são os meus posicionamentos diante de temas sociais, culturais e políticos?

De igual forma as motivações são orientadoras de nossas ações. Partem sempre de lacunas, de necessidades da consciência. As motivações são condições internas que descrevem a “iniciação, intensidade e persistência de nosso comportamento” (Geen, 1995, p. 2) e estão, junto com as atitudes, na retaguarda de nossa força pensênica.

Nenhuma ação da consciência ocorre dentro de um vazio psicológico. Surgem de necessidades objetivas e subjetivas. De acordo com Maslow (1970, p. 57), os indivíduos possuem necessidades fisiológicas, de segurança, relacionais, de estima e realização pessoal. Estas orientam ou eliciam o comportamento das consciências de modo que o entendimento das mesmas auxiliem na autopesquisa.

Outras manifestações motivacionais compreendem a busca de referencial na exposição à informação com o objetivo de construção identitária, melhoria das interações sociais, atender a demandas instrucionais e incrementar formas de evasão (Rangel, 2003, p. 10).

O fluxo sociocultural dominante produz efeitos no comportamento social devido a padrões mais ou menos abrangentes de representação e super-representação social. Pessoas têm atitudes e necessidades que podem ser compartilhadas no âmbito comunitário. Semelhante atrai semelhante e as afinidades aproximam os iguais. No entanto, há construções sociais da realidade que são comuns e cujo compartilhamento justifica a existência de um *mainstreaming*.

A admissão e o estudo sistemático dessas condições intervenientes ajudam o autopesquisador a compreender a si mesmo em meio à diversidade. Auxilia, também, na evitação do *viés de confirmação*, ou viés confirmatório que, é a predisposição de uma pessoa de fazer associações familiares e conhecidas de modo a confirmar conclusões a respeito de eventos e ocorrências no mundo. Essa predisposição parte do acervo adquirido pelo pesquisador e incluem suas crenças, valores e, é claro, suas experiências relacionadas ao objeto de estudo.

O viés de confirmação é um erro de cognição, mas perfeitamente explicável em nossas relações com a realidade. Ao analisarmos os fenômenos e eventos procuramos explicações que se “ajustem” ao nosso conhecimento prévio. Se tal “ajuste” for enviesado gera, por consequência, conclusões equivocadas. A força dos hábitos, de nossos comportamentos recorrentes e de nossa história cognitiva deixam de ser forças auxiliares na autopesquisa e se tornam em dificultador do processo.

O Princípio da Descrença norteia e embasa toda a pesquisa conscienciológica. Presume-se, neste preceito, o abandono de apriorismos e ideias preconcebidas diante de qualquer fenômeno, evento ou condição. O pesquisador deve contar com sua capacidade de experimentação.

Junto a essa mesma capacidade objetiva-se que outras potencialidades sejam utilizadas, por exemplo, a postura crítica e aberta diante da parafenomenologia. A ênfase empírica não implica no descarte da pesquisa compartilhada, grupal. Ressalta, contudo, a evitação do processo dogmático, religioso, doutrinário.

O paradigma consciencial é composto por 7 fatores basilares, a saber, Multidimensionalidade, Serialidade, Holossomática, Bioenergética, Universalismo, Autopesquisa e Cosmoética. A proposição de problemas de pesquisa, elaboração de hipóteses e construção de objetivos partem destes fundamentos básicos. A aceitação deste Paradigma implica na reformulação das abordagens metodológicas e de que, devido à caracterização dos fatores paradigmáticos, há necessidade de rever a epistemologia científica convencional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Autopesquisologia exige do conscienciólogo que investiga a si mesmo e se apresenta como objeto de estudo consciencial o desenvolvimento constante de metodologias multivariadas cujo objetivo é o incremento evolutivo. Não se trata de um processo isolado, solitário. Passo a passo o autopesquisador percebe suas interações com o mundo e seus grupos de referência: núcleo familiar, ambiente de trabalho, o *mainstreaming* sociocultural e seu grupo evolutivo intermissivo.

Entende-se que o método conscienciológico pressupõe, de modo inequívoco, condições não reconhecidas como objeto empírico de estudos para a ciência convencional em seu atual estágio ou status.

Ao inserir a pesquisa de parafenômenos, da multidimensionalidade, do estudo de vidas em série, a holossomática e a bioenergética o pesquisador sabe, de antemão, dessas dificuldades.



A Conscienciologia foi gestada e fundada a partir desse *gap* epistemológico da ciência. O autorreconhecimento através da admissão do Paradigma Consciencial é uma singularidade, o principal caminho para a evolução cosmoética.

Como foi aqui defendido o indivíduo não é um empecilho à pesquisa conscienciológica, pois é parte principal neste processo.

Contudo, sugerem-se ampliações e revisões constantes das ferramentas pesquisísticas para que a auto-pesquisa se atualize. Algumas destas ferramentas são próprias da Conscienciologia como neociência, fruto da admissão do *Princípio da Descrença* e do *Paradigma Consciencial*. Outras são obtidas no escopo da pesquisa científica convencional.

Por hipótese é possível que em algum momento da história haja a compreensão e aceitação - pelo menos tácita - destes fundamentos pela ciência convencional.

## NOTA

1. O *Princípio da Descrença* é a proposição fundamental da Conscienciologia na qual o pesquisador ou pesquisadora não deve aceitar nenhuma ideia de maneira apriorista, dogmática, mística, sem reflexão e sem submetê-la a uma análise crítica, desapaixonada e racional e pode ser postulado pela frase: “Não acredite em nada, nem mesmo no que lhe informarem por aqui. Experimente. Tenha suas experiências pessoais”.

## BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. **Bacon**, Francis; *Novum Organum (True Suggestions for the Intepretation of Nature)*; 1 Vol.; 290 p.; 2 partes; 2 subseções; 3 caps.; 19 citações; 10 ilus.; br.; *Cambridge University Press*; New York; 2000; páginas 19 a 25.
02. **Eagly**, Alice H.; & **Chaiken**, S.; *The Handbook of Social Psychology*; 1 Vol.; 520 p.; 15 caps.; 25 citações; br.; *McGraw-Hill*; New York; 1998; páginas 269 a 322.
03. **Geen**, Russell G.; *Human Motivation: A Social Psychological Approach*; 1 Vol.; 348 p.; 4 partes; 4 seções; 15 caps.; br.; *Brooks/Cole Publishing Company*; Pacific Grove, California; USA; 1995; páginas 2 a 15.
04. **Hume**, David; *An Enquiry Concerning Human Understanding and Others Writings*; coord. Stephen Buckle; 236 p.; 12 caps.; 48 citações; br.; *Cambridge University Press*; Cambridge; Inglaterra; 2007; páginas 30 a 32.
05. **Kant**, Immanuel; *Crítica da Razão Pura (Kritik der Reinei Vemunfi)*; trad. Manuela Pinto dos Santos; 1 Vol.; 694 p.; 2 partes; 15 caps.; 6 esquemas; 234 notas; 65 refs.; 23,5 x 16,5 cm; br.; *Fundação Calouste de Gulbenkian*; Lisboa; 2001; página 234.
06. **Maslow**, Abraham H.; *Motivation and Personality*; 370 p.; 2 subseções; 16 caps.; 494 citações; br.; *Harper and Row*; New York; 1970; páginas 59 a 75.
07. **Ozmon**, Howard A.; *Fundamentos Filosóficos da Educação*; 398 p.; 5 caps.; 25 x 17,5 cm; br.; *Artmed*; São Paulo, SP; 2004; páginas 67 a 70.
08. **Popper**, Karl R.; *A Lógica da Pesquisa Científica*; trad. Leonidas Hegenberg; 568 p.; 10 caps.; 20 citações; br.; *Editora Cultrix*; São Paulo, SP; Brasil; 1974; páginas 34 a 57.
09. **Rangel**, Jair G.; *Paraabordagem Desassediadora*; verbete; In: **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; verbete N. 4.362 apresentado no *Tertularium / CEAEC*; Foz do Iguaçu, PR; 13.01.18; disponível em: <www.tertuliaconscienciologia.org>; acesso em: 11.05.18; 16h30.
10. **Idem**; *Usos e Gratificações* (Uma abordagem do Processo de Recepção e Audiência); Artigo; *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*; Belo Horizonte, MG; 01-01.09.03; *Revista Intercom*; Revista; Anuário; Vol. 26; N. 1; 14 citações; S. L.; Setembro, 2003; páginas 10 a 25.
11. **Russell**, Bertrand; *História do Pensamento Ocidental*; 1 Vol.; 416 p.; 2 partes; 10 seções; br.; *Nova Fronteira*; Rio de Janeiro, RJ; 2017; páginas 342 e 343.
12. **Santos**, Boaventura de Sousa; *Um Discurso Sobre as Ciências Sociais*; 1 Vol.; 92 p.; 1 parte; 4 caps.; 62 citações; br.; 5ª Ed.; *Cortez Editora*; São Paulo, S. PAULO; 2008; páginas 50 a 54.
13. **Vieira**, Waldo; *Conscienciograma: Técnica de Avaliação da Consciência Integral*; revisor Alexander Steiner; 344 p.; 150 abrevs.; 106 assuntos das folhas de avaliação; 3 E-mails; 11 enus.; 100 folhas de avaliação; 1 foto; 1 microbiografia; 100 qualidades

---

da consciência; 2.000 questionamentos; 100 títulos das folhas de avaliação; 1 website; glos. 282 termos; 7 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; *Instituto Internacional de Projeziologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1996.

14. **Idem**; *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*; 11.034 p.; glos. 2.498 termos (verbetes); 192 microbiografias; 147 tabs.; 191 verbetógrafos; 8ª Ed. Digital; Versão 8.00; *Associação Internacional Editares*; & *Associação do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2013; página 1.533 e 6.823.

